

**Reflexão Quaresmal do Bispo Diocesano de Santo André,
Dom Pedro Carlos Cipollini com os seminaristas
26 de Março de 2024**

A Cruz de Maria

“Maria percorreu um verdadeiro itinerário de fé. Não caminhou na visão, mas na fé.”

Introdução

A relação de cada um de nós com Mãe de Jesus é variada, múltipla, como são variadas e múltiplas as etapas do nosso desenvolvimento espiritual.

De outra parte é oportuno refletir sobre Maria e a cruz, associando-nos a ela e vendo em Maria a discípula perfeita, que fez o caminho doloroso da fé. Ela entendeu muito mais intimamente, e o sofreu mais delicadamente a paixão de seu filho, do que outros discípulos e portanto, pode nos ajudar a nos introduzir neste mistério.

Uma vez, porém, que o episódio de Maria aos pés da cruz é quase indescritível, vamos começar a partir do início, como faz Lucas no prefácio do seu Evangelho. Consideraremos, em primeiro lugar, o mistério da preparação (de que S. Lucas oferece o maior número de textos); depois os momentos obscuros (os muitos episódios em que a paixão aparece de forma transversal) ; enfim, contemplaremos Maria ao pé da cruz e Maria na Igreja (do Calvário ao Cenáculo).

O caminho de Maria divide-se em dois extremos: o primeiro na família de Nazaré e o outro com os apóstolos na nova “família que nasce” no cenáculo. A sua experiência do mistério pascal tem o momento culminante sob a cruz, embora São Lucas não se lembre do episódio, e passe diretamente a nos apresentar Maria na Igreja que nasce em Pentecostes.

1. O mistério da preparação

Detenhamos nossa atenção sobre a narrativa da anunciação, onde encontramos três observações de São Lucas (1, 29.34.38) particularmente pertinentes.

A mensagem do anjo Gabriel apresenta dificuldades para ser acolhida por Maria. Se o sacerdote Zacarias não acreditou no que o Anjo lhe disse, no anúncio de um fato outras vezes já ocorrido, (uma estéril que concebe), como fará Gabriel para propor a uma mocinha aquilo que, não somente nunca ocorreu – alguma coisa de impossível, inimaginável – mas, sobretudo, aquilo que para sua religião é *uma blasfêmia* (Mt 26,63-65), heresia entre as mais execrandas: tornar-se mãe do filho de Javé!?

“Ela se perturbou com essas palavras e perguntava, de si para si, o significado desta saudação” (Lc 1,29); Maria era piedosa, tinha firmeza, propósito de dedicação, e ela percebe que Deus intervém, alterando sua quietude, que Deus entra em sua vida como um elemento perturbador.

A mulher, que naquela realidade social, não pode ousar aproximar-se do Santuário, “conterá” o Deus que aquele mesmo Santuário pretendia encerrar em seus muros? A mulher, que não pode nem sequer ousar tocar na Torá, acolherá dentro de si a palavra de Deus feita carne? A mulher, que não pode se dirigir ao sacerdote, nem muito menos tocá-lo, será mãe do Santo dos Santos? O Deus, que jamais dirigiu a palavra uma mulher, a chamará “immà” (mãe). Como pode isso acontecer?

Está presente nela a consciência, típica na Bíblia, do fato de que Deus vem para “transtornar”. Já se anuncia aqui a cruz na vida de Maria, no fato de ela se deixar tomar pelo braço pela ação perturbadora de Deus;

O próprio sentimento, volta no v. 34 de Lc: “Como se fará isso? Pois não conheço homem?”

Maria tem a sua linha, tem sua escolha, mas intui que o poder divino quer mudar a sua situação; não sabe como, mas está certa de que ele vai operar para o seu bem e para o bem do mundo, embora perceba que sua vida pessoal lhe escapa das mãos;

Na Galileia, casar-se estando já grávida, isto não é permitido: a mulher deve entrar absolutamente ilibada na casa do marido, que mostra com satisfação os convidados às núpcias, o lençol com os traços de sangue que testemunham visivelmente a virgindade da esposa; lençol que é conservado, em seguida, pelos pais da esposa como prova irrefutável, em caso de eventuais sucessivas calúnias por parte do marido (Dt 22,13-17).

Maria está grávida. José não crê no que nos seus olhos veem. Sua esposa é adúltera! Com quem poderá tê-lo traído? Ela não pode ou não quer dar explicações convincentes. A sua história não resiste às evidências... diz que veio um certo Gabriel, que entrou em casa sem nem sequer pedir permissão e se apresentou como mensageiro de Javé. A própria Maria ouviu repetidas vezes na sinagoga que as crenças dos pagãos nos deuses que geram filhos com as mulheres é demoníaca...

José, um homem justo, pensa: Ah! Como tinha razão o sábio rei Salomão: “Motzé... motzé..., a mulher é mais amarga do que a morte. Justamente a ele devia tocar uma mulher tão crédula ingênua! Com quem pode tê-lo traído Maria? Descartados um a um os patifes e malandros do povoado e dos arredores, José concluiu que alguém, fingindo ser um anjo, a tenha enganado e em seguida seduzido: "e se alguém se tivesse fingido, de maneira crível, um anjo para enganá-la?" apresentando-se, quiçá, como o anjo encarregado do desejo sexual!?

Nas leis daquele tempo, a adúltera é apedrejada, sem nenhuma piedade. Não é fácil, porém, decidir o que fazer. De um lado, a fidelidade à Lei lhe impõe denunciar Maria sem titubeios; por outro lado, um amor mais forte que a Lei, que a própria Lei de Deus, o impele a buscar uma outra saída. José não a denuncia. Não obedece à Lei. Entre fidelidade à Lei e a fidelidade e ao amor que o une a Maria, venceu o amor.

Porém, o seu orgulho de homem ferido lhe diz que, mesmo não denunciando-a, não pode retê-la consigo, porque não lhe foi fiel. Decide, por isso, repudiá-la. Porém, às ocultas (Mt 1,19).

Mas, as coisas não podem ser feitas secretamente num povoado pequeno e bisbilhoteiro como Nazaré: o crime se tornou tão público que a acusação de adúltera atinge Maria, e conseqüentemente de filho ilegítimo para Jesus. Seria "um bastardo de uma adúltera", estas suspeitas serão abundantemente documentadas desde o primeiro século (cf. Origenes, Contra Celso, I,28;32,69).

Será necessária a intervenção pessoal de Deus para convencer o pobre José da total inocência de Maria, convidá-lo a não mandar embora sua esposa e, como compete a um verdadeiro pai, impor o nome ao filho não seu, que da esposa nascerá. José, ao despertar do sono, agiu conforme o Anjo do Senhor lhe ordenara e recebeu em casa sua mulher. Mas não a conheceu até o dia em que ela deu à luz um filho. E ele o chamou com o nome de Jesus (Mt 1,20-25).

Enfim, em Lc 1,38, temos a resposta conclusiva, que resume bem o mistério de Maria: “Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra”. A expressão “eis aqui a serva” indica uma confiança total e é, pois, bastante dura. Ressoa à nossa mente o canto do salmista: “Como os olhos da escrava buscam as mãos da senhora” (Sl 122,2).

A vida de Maria é, portanto, confiada ao querer de Deus, o qual pode tomá-la e fazer dela o que quiser. Podemos refletir sobre o estado de oração de Maria: a partir do momento da anunciação, a sua oração é de confiança sem limites em meio a conflitos atroz. Ela já não mais se pertence. Veremos, todavia, que deverá ainda ficar admirada, sofrer, porque emocionalmente nem tudo está completo. A sua oração assumirá as cores do sofrimento e da amargura, talvez das desilusões, pelo menos como mãe, para manter o propósito de ser serva fiel.

Tendo sido arrebatada pelo poder de Deus, ela goza, inicialmente, do fruto maravilhoso desse poder, e a alegria explode no momento da visitação a Isabel, no louvor recebido e restituído. Nesta visita tudo se esclarece, Maria é a “mãe do meu Senhor”, como é saudada por sua prima Isabel que a chama de bendita (Lc 1,45).

Talvez nós usemos muitas vezes o termo “humildade” no Magnificar, de modo errôneo, esquecendo-nos de que é simplesmente o reconhecimento da verdade. Aqui, de fato, afirma-se a verdade das coisas. Aqui ela é exaltada como merece. Chegará, no entanto, o tempo em que Maria deverá sofrer a humilhação e a solidão. Agora, porém, exprime-se a verdade de Deus por intermédio de Isabel, que proclama: bendita tu que *creste*, tu que trazes a alegria nesta casa. E Maria responde com a simplicidade de quem restituiu o louvor à sua origem: “Minha alma engradece o Senhor” (Lc 1, 46).

2. Os momentos obscuros

Parece estranho que Lucas, no relato do nascimento e dos fatos que se verificam em torno de Jesus, não descreva nada do estado de ânimo de Maria. Ela é simplesmente a Mãe que o dá à luz e põe numa manjedoura. É a única coisa significativa, que é dita a seu respeito é: “Maria conservava com carinho todas estas recordações e as meditava em seu coração” (Lc 2,19).

O que está acontecendo com ela? Como ela vê esses acontecimentos? Como Mãe, deveria se sentir no centro dos acontecimentos. Mas na realidade, os eventos mostram-lhe desde o início que aquele filho lhe escapa, é maior do que ela. Ela logo é posta de lado, porque céus, terra e pessoas, que ela não pensara em convidar, chegam e se congratulam com o filho, não com a mãe, como habitualmente se faz, por ocasião de um nascimento. É somente ele que conta. A partir desse momento, intui que deverá fazer tudo por Jesus, até se retirar e se ocultar.

- *Os pastores*

Se existe em Israel alguém que é malvisto porque é perigoso, é justamente a categoria dos pastores. Gente a ser temida e, portanto, conservada a distância. Considerados pelas pessoas como bandidos, tratados como assassinos, os pastores não gozam sequer dos mais elementares direitos civis. É proibido ter qualquer relação com eles, comprar deles o leite, lã ou carne. Todos sabem também que quando vier o Messias, Deus os castigará: serão eliminados...

- *Os Magos*

Como se não bastasse a visita incômoda dos pastores, agora é a vez dos Magos. Existe a proibição absoluta de falar com eles, sob pena de morte: são, na verdade, tidos como estando em

contato com os demônios: o oposto dos Profetas da Israel! São pagãos. Como os pastores, também eles estão excluídos do Reino de Deus, e não lhes é facultado o estudo da Torah.

- *O rei Herodes*

Mas as más surpresas não param. Herodes, o rei, sempre desconfiado em relação aos seus familiares e capaz, de eliminar até os próprios filhos, com o intuito de ficar ancorado no trono, entra em ação para eliminar o menino Jesus. E para obter total garantia, sejam também condenados todos os que têm a mesma idade! É a matança dos inocentes: "...Herodes mandou matar, em Belém e em todo o seu território, todos os meninos de dois anos para baixo..." (Mt 2,16). É a resposta do Poder deste mundo ao dom de Deus. A consequência foi a fuga. Trágica experiência que marcará a vida de Jesus, Maria e José.

E Maria se questiona: Por que todo esse sangue inocente? Não a consola rezar que "Caíam mil ao teu lado e dez mil à tua direita, a ti nada atingirá..." (Sl 91,7). O Anjo lhe disse que seu filho herdaria o trono da paz, de seu pai Davi...e o que ela está vendo? Foi precisamente isto que profetizou Simeão em Jerusalém, no Templo, quando consagraram o seu filho a Deus, naquela bênção de final amargo: "... e a ti, uma espada traspassará a tua alma!?"

- *Simeão*

Na apresentação do templo, Simeão contempla Jesus e exclama: "Eis que esse menino está destinado à ruína e ao reerguimento de muitos de Israel. Ele deve ser um sinal de contradição para que sejam revelados os pensamentos de muitos corações. E também a ti, uma espada traspassará a alma" (Lc 2,34-35).

É difícil para nós determinarmos o que significa essa "espada" para Maria. Naturalmente, pensamos logo na cruz; mas quem refere o episódio é Lucas, que não nos mostrará Maria aos pés da cruz. Se repararmos bem, a "espada" que traspassará o coração de Maria quer significar a sua participação íntima no sofrimento de Jesus, ver o próprio filho como alvo de contradição e rejeitado, vê-lo em meio às ambiguidades e sentir-se dilacerada pelo sofrimento do próprio Messias.

Maria, pois, participará diretamente do sofrimento de Jesus e estará envolvida na sua vida difícil, dia após dia. Entrevê-se a vida da Mãe intimamente unida ao mistério de Jesus e dos seus sofrimentos, Ao mesmo tempo, porém, de fora, porque incapaz de remediar, de ajudar em algo. Poderá apenas contemplar passivamente o mistério do Filho, destinada a deixá-lo emergir como sinal de contradição, sem conseguir ajudá-lo diretamente.

- *Jesus no Templo entre os Doutores*

Isso se mostra de modo mais claro no episódio de Jesus aos doze anos, no templo.

A confusão em Jerusalém está no auge. Os cerca de trinta mil habitantes (dentro e fora dos muros) se preparam para acolher os quase oitenta mil peregrinos que todos os anos sobem à Cidade Santa para a festa da Páscoa (em Hebraico "*Pesach*"). A cidade está em ebulição e a festa é entusiasmante.

Na hora de voltar para casa Jesus permanece em Jerusalém, quando todos voltam para a sua terra. José e Maria não se dão conta: os filhos são pouco considerados. Por que deveria Jesus constituir uma exceção? Somente após um dia de viagem, distantes já há uma trintena de quilômetros de Jerusalém, começam a se dar conta que Jesus não está mais com eles... devem retornar a Jerusalém para buscá-lo.

É com um misto de angústia, de raiva, de alívio e de admiração que Maria, vendo-o ao centro de uma animada discussão teológica sob os pórticos do Templo, o aborda, repreendendo-o: "Meu filho", por que agiste assim conosco? Olha que teu pai e eu, aflitos, te procurávamos" (Lc 2,48).

Jesus não aceita a reprimenda. À mãe, que lhe recorda o quarto mandamento (o respeito para com os pais), replica com o primeiro (Ex 20,1-12): Deus é mais importante que os pais. E passa ele a repreender os genitores. E o faz com palavras tão duras, a ponto de merecer muito mais do que um puxão de orelhas da parte de José, que se cala e deixa para Maria repreender o menino!

“Por que me procuráveis?” Em seguida, como a reforçar a censura, expressa admiração pela sua ignorância. Deveriam estar a par das coisas e, contudo, demonstram desconhecimento: “Não sabíeis?” Ainda não entenderam? “... devo estar na casa do meu pai”.

Maria se enganara. E Jesus lhe recorda: seu pai *não é* José. É um Outro. É bom que se lembrem disso. E que José também fique bem ciente disso: Jesus não tem nenhuma obrigação com sua família. Eles se lembrarão, sim; mas, sem entender: “Eles, porém, não compreenderam a palavra que ele lhes dissera” (Lc2,50).

Quem é mesmo este filho Jesus? Terá sido apenas uma zanga juvenil, ou será, ao contrário, uma atitude duradoura?

E retornam juntos a Nazaré. O grupo segue silencioso. Cada um é prisioneiro dos seus pensamentos e ninguém fala, porque ninguém se entende, e qualquer palavra corre o risco de suscitar, quiçá, que reações!

O Jesus que volta a Nazaré não é o mesmo de antes: "as coisas" do Pai lhe queimam por dentro: um fogo que veio para incendiar a terra (Lc 12,49). Entristece-o não conseguir transmitir essa chama aos seus genitores, do mesmo modo como não conseguiu com os sacerdotes do Templo.

É o início da ruptura total e radical com a família, a religião e a pátria. O que viu no Templo o chocou...sangue dos sacrifícios e comércio por toda parte...uma religião de ritos, mas sem amor e misericórdia...Jesus crescia em sabedoria estatura, mas não era como antes...

O que é, então, a dor de Maria nos três dias em que procura Jesus? É uma série de sofrimentos: o da mãe que perdeu o filho, o da pessoa a quem foi confiada a responsabilidade de Jesus e que sente ter a ela faltado, e também da posse natural de uma mãe amorosa, que se vê diante de uma grande desilusão: “o filho que eu acreditava possuir, ter tão perto, escapa de mim, e sequer aceita participar de minha dor e pedir desculpas”.

É um momento muito doloroso para Maria, que compreende aquilo a que o abandono completo à palavra de Deus a levou. A uma condição imprevista em relação a Jesus, a uma situação quase de equívoco, de distância, em que o filho lhe fala com uma linguagem para ela incompreensível.

- *Jesus não se casa...*

Jesus já ultrapassou os trinta anos, e ainda não se casou. Não há argumento que o convença a se casar. Está sendo inútil recordar-lhe que não existiu nunca um caso se quer, em que um rabi não tenha contraído matrimônio e que Moisés, o grande libertador do povo de Israel, tinha duas mulheres e dois filhos (Ex 2,21.23; 18,4; Nm 12,1). O que significa esta estranha atitude de não querer se casar?

Em Israel quem não tem filhos, é desonrado, tido como vil e considerado como um morto. Mais: o homem que recusa contrair matrimônio, merece ele mesmo a morte!

A não ser que “alguma coisa não funcione”, que seja anormal. E é esta a calúnia que infelizmente circula em Nazaré e nos arredores, a respeito de Jesus e que tanto entristece sua mãe...

Quiçá, foi para combater esta calúnia e para defender o seu celibato que Jesus explicará que "há eunucos que nasceram assim... e há eunucos que se fizeram eunucos por causa do Reino dos Céus" (Mt 19,12).

- Jesus na Sinagoga de Nazaré

Podemos refletir também, sobre os sentimentos de Maria quando seu filho é expulso de Nazaré e humilhado diante de toda a cidade (cf. Lc 4,29). Vê o insucesso de Jesus, vive o sofrimento de não poder fazer nada por ele. Ela entende ser chamada a aceitar passivamente tal sofrimento como manifestação do poder messiânico do amor de Jesus, ou seja, prepara-se para a cruz.

Neste sábado, na sinagoga (hebraico: ‘Bet Keneset’ = ‘casa da assembleia’) de Nazaré, é grande a expectativa. Maria toma assento no pequeno setor (separado dos homens) reservado às mulheres. Finalmente, Jesus decidiria retornar à aldeia que havia abandonado para aderir – assim corria o boato –, ao movimento de um certo João o “Batista”.

Pela primeira vez falará na sinagoga e toda Nazaré está em efervescência. Se aquilo que se diz de Jesus é verdadeiro, a revolução agora está próxima e os romanos têm as suas horas contadas. Toda Nazaré se faz presente.

“Todos na sinagoga olhavam-no atentos” (Lc 4,20). Em vez de prosseguir, como deveria, com o texto da liturgia do dia, Jesus busca um outro trecho da Bíblia. E começa a ler outro texto.

“Ruach Adonai Elohenu...”. É o texto hebraico de Is 61, 1-2, trecho conhecidíssimo e preferido pela gente. Maria sente grande alegria. “E para proclamar um ano de graça do Senhor, e...” E...? Jesus interrompe ali o verso, e o mutila deste modo. Não prossegue na leitura. Estará discordando do profeta Isaías? Por que não continua com a segunda parte do verso: “... e o dia da vingança do nosso Deus”, que forma um todo inseparável com a primeira parte, a do “ano da graça”? A tensão cresce.

A reação dos presentes é, porém, totalmente desfavorável: “Todos eram contra ele, escandalizados por estas palavras. Maria, perplexa, não entende. Interroga-se.

O povo, no entanto, desconcertado e incrédulo a ouvir tais despropósitos de um filho da sua terra, expressa a própria indignação com a insinuação desdenhosa: “Não é o filho de José?” Efetivamente, Jesus não se assemelha a seu pai, um judeu piedoso e observante.

Não dizia o próprio Isaías, inspirado por Deus, que os pagãos deviam ser submetidos e tornar-se escravos de Israel (Is 61,5)? O que querem dizer agora estas palavras de misericórdia e de perdão até para com os inimigos? É absurdo!

A decepção é violenta e explode a raiva quando Jesus, em vez de procurar se explicar, de acalmar os ânimos, aumenta a dose: “O que está ocorrendo aqui em Nazaré, diz, não é senão um caso a mais de quanto acontece a todo enviado de Deus. Israel é um povo obstinado e teimoso que sempre rejeitou os profetas”.

Disse o que não devia ser ter dito. Maria está chocada. “Diante dessas palavras, todos na sinagoga se enfureceram. E, levantando-se (sem esperar a bênção final!... e como saudação, em vez do “shabbat shalòm” – “paz e alegria no sábado”), expulsaram-no para fora da cidade e o conduziram até um cimo da colina sobre o qual estava construída a cidade, com a intenção de precipitá-lo de lá” (Lc. 4,29-30).

Pobre Maria! A ansiosamente esperada primeira pregação de seu filho na própria pátria, resultou num solene fiasco. Jesus vai embora. Não voltará nunca mais a Nazaré. Não dirige nenhuma palavra e nem um olhar para a mãe.

E Maria permanece sozinha com a sua perplexidade: “... E a ti, uma espada transpassará tua alma!” (Lc 2,35). O antigo, e infamante e mortal boato, que o tempo parecia ter cancelado –, “um bastardo de uma adúltera” – voltou com força e vigor renovados a pesar sobre ela: “não é o filho de José? Não pode ser filho de José mesmo, não parece com o pai.”

- A dura passagem de mãe para discípula

Mas o golpe mais duro para Maria, a maior prova antes da cruz que lhe vem do próprio Jesus, está em Lucas, capítulo 8, vv. 19ss. Chegou a Maria notícias das confusões que Jesus faz, e das tramas para matá-lo. Jesus faz o que a lei proíbe, por quê? O clã familiar está reunido em conselho. A decisão brota unânime: é preciso deter Jesus porque ele “enlouqueceu!” (Mc 3,21). E partem levando Maria.

É um caminho repleto de interrogações este que conduz Maria (e os irmãos ou parentes) na direção de Jesus. O filho que lhe veio de Deus, deve ser agora capturado porque deu sinal de ser um demente perigoso, para si e para reputação da família. Certamente, a detenção ocorrerá para o seu bem...

Seus parentes (irmãos) e sua mãe vão busca-lo, trazê-lo de volta para casa, antes que as coisas se compliquem para todos eles. Chegaram, mandam dizer a Jesus que eles estão lá fora e querem encontrá-lo.

Maria e os parentes são “puros”. Desaprovam que Jesus esteja em contato com os “pecadores”. Como poderão aproximar-se dele sem correr o risco de roçar, ainda que de leve, essas pessoas e tornarem-se assim legalmente impuros? Por isso, permanecem fora da casa onde Jesus se encontra. Fique claro para todos que eles não têm nada a ver com aquele irresponsável. Em seguida, com arrogância, pensando ainda reter direito sobre ele, mandam lhe dizer que o estão esperando.

Jesus, todavia, recusa vê-los e responde: “Minha mãe e meus irmãos são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática”. Não podemos negar que seja uma afirmação pesada, dura, rigorosa. Talvez sujeite a mãe a uma severa recusa, por causa dos parentes com quem não queria tratar. Há um absoluta liberdade em Cristo, liberdade que vale também em relação à mãe.

A resposta que obtém é surpreendente. Jamais podiam imaginá-la. Fria, calculada, feita propositalmente para ferir. “Quem é a minha mãe?... Quem são meus irmãos?”

Maria entende que deve deixar Jesus a seu destino, que não o terá de volta senão abandonando-o, não o terá de volta se não continuando a viver na obediência do discipulado. Maria é convidada a passar, embora tendo o privilégio de ser a mãe, pelo caminho do discipulado e da escuta.

Jesus pergunta se aqueles que o cercam são verdadeiramente seus familiares. “E dirigindo o olhar para os que estavam sentados ao redor”, – o tom da voz muda, agora é cálido, afetuoso – acrescenta: “Eis minha mãe e os meus irmãos”. Os que lhe estão ao redor.

Os que permanecem “fora”, à distância, não são para ele nem mãe, nem irmãos, são “estranhos”. Jesus já romperá com Israel: o verdadeiro Israel seria composto somente por aqueles que o haveriam de seguir. Agora, rompe também com a família.

Seus familiares, seus íntimos são somente aqueles que o seguem e dividem a sua mensagem: a mensagem de um amor que se dirige a todos, independente da categoria religiosa e moral. “Quem não ignora seu pai e sua mãe, dirá depois Jesus, não é digno de ser meu discípulo (Lc 14,26). Quem é minha mãe?... Maria está aturdida. Não esperava da parte do filho uma hostilidade levada a este extremo.

Não obstante, é justamente agora que ela compreende. Entende que Jesus não é louco, é ela que influenciada pelos parentes, está cega e surda ao considerá-lo tal (Mc 4,11-12). São as palavras que seguem, aquelas com as quais Jesus fala aos “seus, com amor, das condições para serem sua “família”, a fazer ressoar em seu coração um eco antigo: o eco do encontro com mensageiro divino, do anúncio, quando sem hesitar havia confiado, e se colocara à disposição para cumprir, mesmo não compreendendo plenamente, a vontade de Deus (Lc 1,38).

Como cumpriu a vontade de Deus sem saber o que lhe iria acontecer, agora deve perseverar na fidelidade a essa vontade, a este filho, mesmo sem entender aquele seu caminho tão diferente de tudo o que a religião lhe havia ensinado... tão “herético”.

“Quem cumpre a vontade de Deus, este é meu irmão, minha irmã, e minha mãe”. Maria compreende. Agora torna-se para ela inteligível o significado obscuro da reação – que tanto a amargurou – com a qual Jesus havia interrompido aquela mulher do povo que, tomada de entusiasmo, lhe havia gritado: “Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram” (Lc 11,27). Naquela oportunidade, Jesus havia revidado: “Felizes, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a observam! (Lc 11,28). Ela ouviu a Palavra que anunciava o mistério, e compreende que deve perseverar seguindo-a. Para Deus até a escuridão é luminosa.

Entende agora o que Jesus quis dizer. Compreende a natureza do convite. E permanece com Jesus, avançando na direção daquela que será a etapa decisiva da sua “peregrinação da fé” (LG 58). De mãe se torna discípula. Os parentes, não: “Pois nem mesmo os seus irmãos criam nele” (Jo 7,5).

3. Maria ao pé da cruz – Maria na Igreja

Assim, Maria prossegue sua participação na vida pública de Jesus, mediante ausência, penumbra e silêncio. Há mulheres que o seguem e que são mencionadas por Lucas no início do capítulo 8, Maria não está citada entre elas. Podemos facilmente imaginar como teria vivido o seu papel de passividade e de adoração da vontade de Deus, de sofrimento, afligida pelo crescente insucesso do filho que “aprendeu a obediência por meio dos sofrimentos que padeceu” (Hb 5,8).

Ao mesmo tempo em que experimenta com o filho uma grande sintonia espiritual, ela sente também em relação a ele, um abismo intransponível: aquele que separa o Criador da criatura.

A oposição a Jesus cresce, ele cria confusão ao dizer que era filho de Deus, e que Ele era o local mais sagrado que o Templo... Diz que ele é a luz etc. Torna-se um perigo. Decidem mata-lo e esta intenção se torna pública.

Maria sempre obediente desde o início, em seu caminho teve de aprender ainda – e amargamente – a deixar que Deus agisse como Deus queria, e deixar o filho como o filho queria. Isso é parte da “espada” de Maria: ver o próprio filho se aproximar do precipício, do perigo extremo, ser dilacerado pelos leões e, ao mesmo tempo, ser deixada de fora, impedida de intervir.

Maria aceita o seu papel, sofre calada. E talvez essa aceitação seja razão pela qual Lucas, tão atento e profundo em lembrar a raiz da aceitação de Maria, a raiz de toda a obra da salvação, não apresenta Maria sob a cruz. Ela se cala, e Lucas se cala sobre sua presença no Calvário; está presente o grupo das mulheres, mas Maria não tem um papel próprio. Está submersa no seu papel de humilde serva. Ao lado do Homem das dores, ela será a mãe das dores.

Lucas, porém, vê claríssimo o papel de Maria na Igreja, ou seja, no momento culminante da fundação da comunidade dos seguidores de Jesus. Ela está presente com os apóstolos. E nós vislumbramos o desenvolvimento do caminho: Maria se deu a Deus e a Jesus; entregou Jesus à missão dele, libertou-se de tudo o que nela constituía, até minimamente, posse afetiva do filho. De mãe, soube fazer-se serva e discípula fiel...

Por isso, recebe como dom – conta Lucas – não a vida do filho ressuscitado (que não aparece a ela), mas recebe a comunidade primitiva. Purificada da sua afetividade, purificada de qualquer possível forma de domínio, é capaz, agora, de receber uma multidão de filhos. Todos seus filhos

em Cristo, por Ele e com Ele ela é a mãe dos cristãos: “Eis tua mãe”, disse Jesus ao discípulo João quando estava na Cruz...

Imaginemos por meio de que extraordinária purificação passou, e como teve, também ela – mais que os apóstolos – de sofrer, ao ver o seu Jesus, não mais seu, nas mãos dos homens, morto pelos homens, pelo amor deles.

Na brevíssima apresentação de Maria ao pé da cruz, que dá à sua presença um valor definitivo e perene, explicita-se o que Lucas nos tinha feito intuir: ao aceitar que o Filho morra, ao se privar dele pela humanidade, Maria acolhe outros; recebe João e abre o seu coração para receber os filhos da Igreja, para ser mãe da Igreja.

Em João, o episódio aos pés da cruz (como em Lucas em Pentecostes) significa o retorno de Maria ao Filho; no momento em que Jesus é alçado e glorificado sobre a cruz, Maria recebe a definitiva consagração do seu *sim* dado na anunciação.

E podemos considerar que o *sim* inicial a tenha levado longe, unindo seu *sim* ao de seu Filho.

Que extraordinário curso de eventos anteriores, imprevisíveis para Maria! Jamais poderia esperar a dificuldade de ser mãe e de ter de se afastar do filho, de ter de abandoná-lo nas mãos dos homens, para que o amor de Deus se manifestasse nele. E, no entanto, como o sofrimento faz parte da missão do profeta, ela ao participar da vida de seu filho participou de seu sofrimento, unida a ele na fidelidade à Palavra de Deus.

Jamais ela teria pensado em ter de aceitar que o amor de Deus pelos homens fosse tão grande, que crucificasse seu filho e ela sofresse de tal modo. Aprende a conhecer na sua carne que o amor de Deus pela humanidade é infinito, não tem limites; ela é a expressão disso. Por isso, a veneramos como modelo capaz de nos introduzir pela fé, naquele amor, cujo fogo experimentou.

Conclusão

Ó Maria, diante do teu mistério, diante dos eventos interiores, tremendos, que se verificaram em ti, nós somos impotentes e mudos.

Tu experimentaste a força do amor de Deus por nós; experimentaste à tua custa em que medida teu filho se abandonou em nossas mãos, escapando às tuas; experimentaste da nossa maldade para com ele e participasse de sua bondade, da sua dedicação desarmada; experimentaste o seu infinito poder de amor por nós, cada um dos homens e cada uma das mulheres da terra.

Obtém-nos, por tua intercessão, experimentar a força do amor de Cristo e aceitar, como tu aceitastes, tornarmo-nos participantes da sua ação poderosa, embora prevendo o abismo de afeto e de sofrimento que esse envolvimento pode comportar.

Obtém-nos não nos rebelar contra o desapego e a purificação que o teu Filho realiza em nós, desapego de nós mesmos, das nossas obras, das nossas esperanças, dos nossos projetos. Assim, o amor de Deus poderá se manifestar livremente em nós e nos outros.

Pedimos-te, Mãe de Jesus, um coração ser simples, humilde, paciente, abandonado a Deus capaz de difundir à sua volta a aceitação filial do plano de Deus que transforma o mundo. Amém. (**Oração - Card. Carlo M. Martini**)

Bibliografia

- GARGANO, I., *Lectio divina sui Vangeli dela Passione*, EDB, Bologna, 1995
GONZALES, C. I., *Maria, evangelizada y evangelizadora*, CELAM, Bogota, 1988
MAGGI A., *Nostra Signora degli eretici, Maria e Nazaré*, Cittidella Ed., Assisi, 1988
MARTINI, C. M., *Os relatos da Paixão*, Loyola, S. Paulo, 2022
MURAD, A., *Maria, toda de Deus e tão humana*, Paulinas, S. Paulo, 2004
PAREDES J.C.R., *Maria a mulher do Reino de Deus*, Ed. Ave Maria, S. Paulo, 1984